

Tenho prazer sim!

Autores condenam a tese de que escrever é chato

FELIPE MOURA BRASIL, JOANA VEIGA E LEONARDO BITTENCOURT

A julgar pelo que disseram sobre seus ofícios, escrever e esculpir devia ser muito fácil para Carlos Drummond de Andrade e Michelangelo, respectivamente. Nosso poeta professava que escrever nada mais é do que cortar palavras. Já o escultor italiano nunca escondeu seu “segredo”: simplesmente retirava do bloco de mármore tudo que não era necessário. Simples, não é? Um mero exercício de lapidação. Resta saber apenas se é divertido construir a pedra.

O jornalista Luis Fernando Veríssimo, saxofonista nas horas vagas, já declarou que a música é a atividade que lhe dá mais prazer. Bem mais do que escrever, que é seu trabalho. A romancista Patrícia Melo também endossa a tese de Armando Nogueira, segundo a qual escrever é chato, bom mesmo é ter escrito. Para ela, o melhor momento de fazer literatura é chegar ao final de uma obra. O escritor Luiz Antonio Aguiar, vencedor do Prêmio Jabuti em 1994, diz que seu caso é justamente o contrário: “Escrever é o ato em si, orgasmático e alongado. Ter escrito é uma satisfação plácida, boa, mas não se compara ao ato em si. Existe prazer em todas as etapas do processo, mas quando o texto ganha corpo, os personagens ganham ímpeto, é uma delícia”.

Segundo uma personagem de Rubem Fonseca que gosta mesmo de vinhos e charutos, escrever é uma doença. Não faltam, aliás, conceitos para a escrita: uma forma de questionar o mundo, de observar as coisas ao redor com um olhar de surpresa, de fugir da passividade, de responder ao Criador, de liberar sentimentos. A psicanalista nova-iorquina Leslie Kaplan, por exemplo, costuma vociferar contra a idéia de que a literatura é uma terapia. A seu ver, não se respeita o ideal do

artista, que é bem mais do que liberar sentimentos.

O mito do autor angustiado, deprimido, sobretudo solitário, para quem escrever é uma medida profilática, um inusitado recurso para amenizar o sofrimento do dia a dia, também se esvai nas palavras do jornalista Joaquim Ferreira dos Santos. Ele gosta de passar por seus textos antigos e ficar se perguntando quem foi que escreveu aquilo, que outro ele inventou naquele momento.

“Eu adoro escrever. Dói, mas é bom. Principalmente quando os pés saem do chão. Mas acabar um texto – e às vezes ele fica legal – é um prazer que deve ser comum a qualquer profissional que trabalha com criatividade. Tem a ver com aquela música do Caetano, do como é bom tocar um instrumento. Escrever é o meu instrumento. É tudo música ou poesia, e se você viu um passe de quarenta metros do Gérson, sabe do que eu estou falando”.

No mundo da literatura, invariavelmente sobrevêm algumas risadas quando o assunto é inspiração. A comparação com a medicina já virou resposta-padrão: “você não pergunta ao médico antes da cirurgia se ele está inspirado hoje...”. É a velha história dos 90% de transpiração e 10% de como você preferir chamar o resto. O editor da Editora Capivara e cronista do site www.tribuneiros.com, Carlos Andrezza, cita com admiração o envolvimento emocional de Flaubert com as suas personagens, mas diz não ser gênio como ele.

“Escrever é muito bom. Não romantizo o ato, embora respeite e seja fascinado pela tradição do escritor inspirado de repente por um raio fulminante. Preciso de distanciamento, silêncio, tempo e esforço. Quero então valorizar a profissão. Escrever é o meu trabalho. Escrevo todo dia e gosto de escrever. Se não gostasse, se sofresse, honestamente,

procuraria outra coisa pra fazer. Chato é ler textos ruins” – comenta ele, sugerindo *Uma história da leitura*, livro do argentino Alberto Maguel.

A pressa nem sempre tira o prazer

O prazo, principalmente nos jornais diários, é um dos responsáveis pela abundância de textos ruins. Contudo, a angústia da pressão nem sempre tira a qualidade do texto e tampouco o prazer do autor ao redigi-lo. O jornalista João Pimentel, autor do livro *Blocos: uma história informal do carnaval de rua*, diz que é “muito bacana” ter suas matérias no jornal, ir à praia e ver as pessoas lendo, mas não deixa de ressaltar que, quando o assunto é interessante, todas as etapas do processo são prazerosas.

“No jornal, o ritmo é diferente e muitas vezes temos que escrever matérias enormes em um tempo curto. Isso é angustiante porque sabemos sempre que, no fundo, poderíamos fazer melhor se tivéssemos mais tempo. Mas o jornalismo diário é assim. Já o processo do livro, para mim, foi fascinante. Ter tempo para pesquisar, desenvolver idéias, escrever, apagar, reescrever, achar tudo uma ‘m...’ até ver o resultado final na prateleira foi como um parto” – lembra ele.

Em seguida, resume: “Sinto um enorme prazer quando estou escrevendo. Viajo nesse universo das palavras, nas diversas formas de contarmos uma história”.

Assim como ele, diversos jornalistas encontram tempo e disposição para obter prazer (e tudo bem, vá lá, dinheiro, apesar de serem raríssimos os casos) escrevendo outros tipos de textos. Uns

Ilustração de Alexandre Carvalho



seguem a linha da não-ficção, outros enveredam por trilhas ficcionais e até poéticas. Apesar de ter escrito romances, Luis Fernando Veríssimo não se diz escritor, isso seria apenas uma eventualidade, ainda que seu talento seja reconhecido em ambas as áreas, o jornalismo e a literatura. Há, porém, quem fique famoso muito mais por sua obra fora do padrão jornalístico.

“Dizer-se dentista, carpinteiro ou advogado é uma coisa. Assumir-se escritor é outra, ainda mais num país largamente analfabeto. Diga-se escritor e ature a fama de pretensioso, no mínimo... Vi uma vez uma ficha médica do Drummond. Na linha destinada à profissão, lá estava: ‘jornalista’. É um mistério esse ‘ser escritor’” – conta

Andreazza, lamentando a falta de edição no Brasil do livro *Ser escritor*, da francesa Natalie Heinich.

Joaquim Ferreira dos Santos, por sua vez, canaliza todo o seu prazer com a escrita para o jornalismo. “Escrevo profissionalmente. Quando eu morrer, não adianta procurar inéditos. Tudo que eu escrevi tinha um prazo e o chicote de um editor por trás. No dia seguinte saiu no jornal. Nunca tive uma idéia, uma inspiração, um suor noturno que me fizesse correr para a máquina com aquela necessidade imperiosa de consolidar algo genial que a musa me mandou e a humanidade não pudesse perder. Nada disso. Tudo pautado, tudo ganchado, tudo conectado com a urgência de uma edição qualquer. Gosto disso. Nem doença, nem terapia. Um trabalho que procuro transformar em prazer e levar alguma diversão às pessoas”.

Para as crianças, a fantasia é um dos caminhos

Educadores em geral sofrem com a dificuldade de mostrar o prazer da literatura para os jovens. Um personagem-escritor de Rubem Fonseca definiu a tentativa como “aquele esforço pedagógico bem-intencionado que tenta induzir estudantes estúpidos e semi-analfabetos a aprender a gostar de ler”. Os discursos variam: há quem condene a utilização de obras densas na escola, como as de Machado de Assis, no Brasil, e as de Victor Hugo, na França, culpando-as de afugentar o jovem leitor e, por conseguinte, escritor; e há quem reitere a importância do contato com os grandes mestres ainda no período escolar.

Lucia Maria, professora de português e literatura do colégio Santo Inácio, com 25 anos de magistério, sendo dez em alfabetização, explica que o incentivo deve ser mais forte no Ensino Fundamental, ou seja, o gosto precisa ser bem desenvolvido antes da leitura de obras mais complexas, por assim dizer.

“É mais fácil trabalhar com criança, para incentivar. A passagem da leitura para a escrita não é direta, você tem que estar sempre motivando e sugerindo, até mesmo com atividades lúdicas, porque, caso contrário, eles não escrevem. O jogo tem que ser bem dinâmico para despertar o gosto pela escrita. Se for chato, eles criticam, não gostam. É recomendável a escolha pelo fantástico, pelo maravilhoso, para entrar no universo deles. Super-heróis, coisas de terror, extraterrestre, seres que não existem”.

Especializado em escrever para o público infanto-juvenil, Aguiar não se limita à barreira do fantástico. “Nem sempre é fantasia. Às vezes, dependendo do texto, é bastante documental. O importante, creio, é ter a consciência de que o que a gente escreve dialoga com um leitor individual. Pode parecer óbvio, mas a gente escreve para ser lido, uma coisa que é mais constante, mais presente, no autor de literatura para crianças e jovens”.

O tempo dedicado à internet está obrigando esse


público que já cresce sendo educado a partir da imagem, sobretudo televisiva, a ler e até mesmo escrever. *E-mail, msn, orkut, blog, fotolog e sites* em geral exigem do jovem a palavra escrita. Andreazza, porém, se mantém cético em relação à eficácia do método.

“Jovem não lê. Estou com Borges: sonho com um paraíso que seja algo próximo de uma biblioteca. E acrescento: que só tenha leitores velhinhos, várias velhas Colettes loucas por mais e mais livros. Jovem não lê, acho que nem mesmo na internet: lê fragmentos, parágrafos, mas não tem capacidade de abstração. Quem escreve na internet portanto, tem de saber que o espaço é limitado e que é preciso investir numa linguagem sobretudo rápida. Textos curtos, sempre: é a concessão necessária. Mas o português tem de ser impecável”.

Para ele, é possível conquistar leitores na rede, formar um públi-

co. A internet é um veículo notável de divulgação. Mas quem escreve não pode se resumir a ela. “O escritor tem de ir além: a internet não fixa a obra, talvez só o nome do autor. Escrevo na rede, mas não me descolo jamais de um trabalho de fôlego: contos, ensaios, um romance, muita pesquisa. O texto no papel não tem preço e o livro é o objetivo”.

Pimentel, por sua vez, valoriza a liberdade oferecida pelo texto virtual. “Na área de cultura temos mais liberdade tanto no estilo quanto para desenvolvermos uma idéia, opinar, e muita gente confunde as coisas. O texto jornalístico precisa ser antes de tudo direto, informativo e bem escrito. Gosto de escrever de uma forma geral, mas sou um jornalista na essência. A internet abriu um espaço maior para as pessoas escreverem sem ter compromisso com editor, com espaço, ou conteúdo. Para o exercício da liberdade”.

Aguiar só faz uma ressalva: é preciso sempre pensar no prazer do leitor. “Agora, é importante dizer que prazer é uma coisa relativa. Subjetiva, pessoal e complexa. Mário de Andrade escreveu numa carta: “A própria dor é uma felicidade”. É algo assim. 



“Dizerse dentista, carpinteiro ou advogado é uma coisa. Assumir-se escritor é outra, ainda mais num país largamente analfabeto”

Luiz Fernando Veríssimo